

Rios da terra, rios da nossa aldeia

Manoel de Oliveira



© JOSÉ MANUEL RODRIGUES

RIOS! QUE PODERÁ DIZER-SE DOS RIOS? QUE todos aqueles, os maiores e a grande maioria dos outros, vão de afluente em afluente engrossando a massa das suas águas que corre à procura da foz do oceano que o destino para cada um marcou.

Oceanos diferentes que se ligam entre si pelos extremos e que, no seu conjunto, ocupam dois terços da superfície terrestre. Os rios que atravessam Portugal, os que nele nascem e os que de Espanha vêm, todos se dirigem para o mar Atlântico.

Dizem que o Oceano Atlântico surgiu por um incidente sísmico fenomenal, e fez desaparecer o fabuloso continente a que chamavam Atlântida, uma remota civilização que se crê ter sido afogada quando as partes que antes eram unas, onde os lugares hoje ocupados por Lisboa e Nova Iorque então se beijavam. Mas ambos os lados foram afastados por essa linha, deixando um enorme vazio que as águas que ocorreram do Ártico e do Antártico preencheram, formando este nosso vasto Oceano. Águas que hoje banham parte da Europa, da África, e das Américas, que separam continentes e os ligam, cruzando segredos e recados, que vão e vêm de Norte a Sul do hemisfério, em linhas paralelas e cruzadas, nos trazem desde as nascentes dos rios Hudson, Mississipi, Amazonas, ou La Plata, de um lado e, do outro, pelo Tamisa, Douro, Tejo, Níger, Quanza ou Kimberley, os misteriosos e enigmáticos segredos vindos do interior de todos aqueles países.

Amar o mar é amar a alma de todos esses e muitos outros rios que desaguam nos oceanos as alegrias e mágoas dos povos que banham. É amar os povos que esses mesmos rios atravessam e alimentam corpo e espírito, e dão sinal de força viva que se renova a cada instante. Águas a correr pelo tempo, por córregos, por leitos e pelos espaços históricos desses povos de diferentes raças, hábitos e costumes, não obstante

unidos pela mesmíssima raiz humana que os liga, que nos liga e nos iguala a todos nós.

Dos quatro rios portugueses nascidos em Espanha, dois são meieiros e por isso traçam a linha que serve de fronteira: o Minho ao norte e o Guadiana ao sul. Os outros dois são transversais, ao norte o Douro, que desagua no Porto, e ao sul o Tejo, que desagua em Lisboa, cidade onde viveu e morreu Fernando Pessoa, e que ele disse ser «o rio da minha aldeia».

Assim era o Tejo para Pessoa, mas não para mim. «O rio da minha aldeia», o Porto, é o Douro. Restam ainda neste rio vestígios deixados em tempos longínquos, mas ainda memoráveis: são os típicos barcos rabelos, reminiscência de quando ali vinham os Vikings tirar o ouro que havia nas areias do rio, no lugar do Araíño.

Por sua vez dizia-se na antiguidade que, no imenso estuário do Tejo, ali aos pés dessa Lisboa mitológica e clássica, a velha Olisipona evocada no herói Ulisses da *Odisseia*, de Homero, apareciam míticas e belas ninfas aos marinheiros e aos navegadores portugueses, seduzindo-os para a aventura dos descobrimentos, indicando-lhes os caminhos venturosos por onde haviam de navegar.

O Tejo não é «o rio da minha aldeia», mas nem por isso deixa de me exercer uma estranha sedução. Talvez por que de lá partiram as caravelas e as naus que deram a conhecer o mundo ao mundo, mas também porque a ondulação que lhe vem do mar, e sobe até ao cais do Terreiro do Paço, faz balouçar as barcas como se embalassem berços de crianças que, mais tarde, se fazem ao largo já marinheiros e deixam as suas vidas nos naufrágios que afundam as barcas que os embalaram em vida. Assim reza a poesia de Cesário Verde.

Destes pesares nascera talvez o fado que é de Lisboa e canta o destino que pertence a cada um no seu marear na vida. Destinos dedilhados



«Douro, Faina Fluvial» (1931). Coleção Cinemateca Portuguesa / Museu do Cinema.

nas cordas de uma guitarra e cantados pela voz magoada duma qualquer Amália.

Como homem do Porto e do cinema fiquei mais apegado ao Douro, que este sim «é o rio da minha aldeia». Nele me vejo e me revejo como num espelho multifacetado, pois ontem era uma cousa e hoje já é outra, outra será certamente amanhã. Assim como ele mudou também eu mudei e já não sou hoje o que fui ontem e não serei amanhã o que sou hoje. O que quer dizer que a vida corre por dentro da gente como as águas nos cursos talhados para os rios até chegar ao seu finamento.

Finamento que é a nossa entrada para esse grande espírito, esse imenso Oceano onde todos acabaremos por desaguar.